



MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ARAXÁ E REGIÃO

Os Primeiros Mestres: A Importância dos Professores nas Fazendas na História da Educação



Fabricio de Avila Ferreira: Natural de Araxá, é um estudioso da história da cidade, com um extenso acervo fotográfico e documental que retrata a trajetória de Araxá e de suas famílias, fruto de mais de trinta anos de pesquisa. É biólogo especializado em Ciências Ambientais, professor e funcionário público.

Antes das escolas formais, antes dos livros didáticos e muito antes das salas de aula públicas, o Brasil rural já conhecia os primeiros sinais de educação — nas fazendas. Pouco lembrados nos registros oficiais, os professores das propriedades rurais desempenharam um papel fundamental na formação das primeiras gerações letradas durante o período colonial. Eles foram, em muitos casos, os verdadeiros precursores da educação no país.

No século XVII e boa parte do XVIII, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, a instrução formal era praticamente inexistente. Não havia uma rede de ensino organizada e o acesso à educação era um privilégio restrito à elite rural — especialmente aos filhos de senhores de engenho. Para suprir essa lacuna, famílias mais abastadas contratavam professores particulares para ensinar dentro das próprias fazendas.

Esses mestres — muitas vezes padres, ex-seminaristas ou homens instruídos vindos da Europa — ensinavam o básico: leitura, escrita e aritmética. Mas sua importância ia além dos conteúdos curriculares. Eles representavam um dos poucos pontos de contato com o saber formal em um território vasto, ruralizado e marcado pelo analfabetismo estrutural. Em muitos casos, foram os responsáveis por introduzir valores, disciplina intelectual e até mesmo ideias políticas nas futuras elites coloniais.

Sem apoio do Estado ou estrutura oficial, esses professores atuavam em condições precárias, improvisando espaços de ensino e lidando com a informalidade do ofício. Ainda assim, ajudaram a manter viva a noção de que o conhecimento podia — e devia — ser transmitido.

Resgatar a memória dos professores das fazendas é reconhecer que a história da educação no Brasil não começa apenas com grandes reformas ou instituições. Começa com indivíduos que, mesmo sem respaldo oficial, plantaram as primeiras sementes do ensino num país ainda em formação.

Entre esses nomes que merecem ser lembrados está o do **Professor Leão Coelho de Almeida**, um verdadeiro símbolo da resistência intelectual sertaneja. Atuando no então Sertão da Farinha Podre — região que hoje abrange parte do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Leão Coelho percorreu longas distâncias, levando livros e palavras a lugares onde o silêncio da ignorância ainda era imposto pela geografia e pela exclusão. Ensinava onde havia espaço, sob árvores, em alpendres, entre pausas do trabalho rural. Mais que lecionar, ele inspirava.

Professor Leão Coelho de Almeida - "O Andarilho dos Sertões Mineiros"



Professor Leão em Paris em 1889

O professor Leão, aclamado por sua incansável dedicação à educação, recebeu a alcunha de "O Andarilho dos Sertões Mineiros" em virtude de sua notável trajetória de disseminação do saber pelos recônditos de Minas Gerais. Em uma época em que a escassez de instituições educacionais era uma realidade predominante, ele assumiu a missão de alfabetizar as populações mais remotas, deslocando-se de fazenda em fazenda, levando o conhecimento e a instrução aos rincões onde poucos tinham acesso à educação formal.

Com um espírito incansável e uma visão nobre, Leão Coelho de Almeida se estabelecia temporariamente em diferentes propriedades rurais, dedicando-se a ensinar os jovens das regiões mais afastadas, que careciam de um mínimo de estrutura educacional. Sua jornada não se

restringia às grandes cidades ou centros urbanos, mas se estendia pelas vastas e desafiadoras terras do interior de Minas Gerais, onde sua presença se tornava sinônimo de esperança por meio da educação.

Sua formação acadêmica, de caráter profundamente erudito e abrangente, reforçava a autoridade que possuía em sua missão. O professor não apenas possuía vasta bagagem intelectual, mas também fora aluno da prestigiada Escola de Artes Decorativas de Paris, onde teve a oportunidade de se imbuir das mais refinadas influências culturais e pedagógicas da Europa, o que, sem dúvida, enriqueceu ainda mais sua abordagem didática. Ao retornar ao Brasil, Leão Coelho de Almeida trouxe consigo o legado de sua formação, buscando adaptá-lo à realidade educacional brasileira, particularmente àquela presente nas terras mineiras.

A Trajetória do Mestre

Com apenas seis anos, em 1872, Leão Coelho de Almeida deixou a cidade de Campos e se mudou para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua trajetória educacional. No Rio, ele passou a frequentar o Colégio Vitório, uma instituição de ensino conhecida pelo rigor de sua disciplina. Foi nesse colégio que Leão fez amizade com Euclides da Cunha, que também foi seu colega de classe, e ambos compartilharam a experiência de uma formação pautada pela exigência e pela severidade. Após um ano no Colégio Vitório, Leão continuou seus estudos no Instituto Aquino, onde deu continuidade à sua formação acadêmica.

Porém, a vida de Leão na cidade do Rio de Janeiro não foi fácil. Após deixar o ambiente escolar, ele encontrou emprego numa casa de comércio na Rua do Ouvidor. No entanto, o trabalho que deveria proporcionar-lhe sustento foi marcado por abusos e humilhações. Leão era maltratado fisicamente e recebia um salário irrisório por seus serviços. Essa experiência traumática, no entanto, não perdurou por muito tempo, já que Leão logo perdeu o emprego, confrontando-se com mais uma dificuldade em sua vida jovem.

Ainda assim, Leão persistiu em sua busca por uma vida melhor. Ao alcançar a maioridade, ele se emancipou e partiu para Paris. Na capital francesa, Leão se matriculou na prestigiada Escola de Artes Decorativas, onde teve a oportunidade de se aprimorar artisticamente, particularmente no campo da gravura, uma habilidade que se tornou uma das marcas de sua produção intelectual e criativa.

Leão, além de um habilidoso gravador, também possuía talento para o desenho e, de alguma forma, para a representação teatral, embora não se dedicasse ao ficcionismo criador. Sua veia artística não se limitava apenas às artes visuais, e ele publicou um livro intitulado "Filmes", que refletia suas inclinações artísticas e sua visão de mundo.



Desenho feito por Leão no caderno de seus alunos — Início do Século XX



Desenhos feitos por Leão no caderno de seus alunos — Início do Século XX

Quando retornou ao Brasil, mais precisamente à cidade de Sacramento, Leão já estava adulto e, com o tempo, profissionalizou-se como professor. No entanto, sua luta pela sobrevivência não se limitou à sala de aula: para sustentar os filhos, ele se dedicou ao ensino nas fazendas da região de Uberaba. Nessa cidade, ele prestou os exames de habilitação para o magistério e passou a ensinar nas escolas rurais, um trabalho árduo e essencial para a educação das populações mais afastadas. Durante esse período, Leão já era viúvo, enfrentando sozinho os desafios da paternidade e da manutenção de sua família, enquanto continuava a se dedicar à educação e ao aprimoramento pessoal. Em Araxá, exerceu sua profissão junto a diversas famílias, tendo atuado por diversas ocasiões na Fazenda Limeira, pertencente à família Teixeira, bem como na Fazenda Morro Alto, da família Ávila e em muitas outras da região.



Desenho feito por Leão – Fazenda Limeira de Propriedade da Família Teixeira



Venerável Padre Vítor Coelho de Almeida

Leão Coelho de Almeida também foi pai do Poeta José de Almeida Cousin, uma das vozes mais representativas da poesia brasileira, imprimindo em seus versos a marca de sua experiência e de sua visão de mundo, que refletiam as tradições e a cultura do interior de Minas Gerais.

Além disso, Leão teve como filha Maria Cândida Coelho de Almeida, mais conhecida como Dona Mariazinha, uma figura admirável da educação e da catequese. Dona Mariazinha dedicou-se com fervor à educação em Araxá, especialmente pelos anos dedicados ao Grupo Escolar Delfim Moreira, sendo professora e catequista incansável. Seu trabalho na formação de gerações de Araxaenses, tanto na esfera religiosa quanto educacional, a tornou uma referência de abnegação e zelo pela cultura local, sempre comprometida com a formação moral e intelectual

dos jovens.

Dessa forma, o legado de Leão Coelho de Almeida se perpetuou não apenas por sua obra individual, mas também através dos feitos notáveis de seus filhos, que continuaram e expandiram sua missão, cada um à sua maneira, no campo religioso, literário e educacional, deixando uma marca indelével na história de Minas Gerais e do Brasil.

Fontes:

Entrevista com Maria Cândida Coelho de Almeida, 1997

Livreto “O Andarilho dos Sertões Mineiros”, Maria Cândida Coelho de Almeida

Livro “Padre Vítor Coelho de Almeida: O missionário de Senhora Aparecida”, Gilberto Paiva

Sobre o Cristo de Araxá

É oportuno recordar que a implantação da estátua do Cristo na colina do Santa Rita, ocorreu na celebração dos 100 anos de Araxá. A comunidade católica, liderada pela Paróquia São Domingos, quis expressar Ação de Graças a Deus pelo anúncio do Evangelho, na região, desde os primórdios de seu povoamento. Consta que “no longínquo 1788, na clareira de espessa floresta, à sombra de anoso ipê em flor, Pe. Antônio Alves Machado da Silva celebrou a primeira missa no sertão dos Araxás”.



No dia da inauguração

A inauguração aconteceu no dia 30 de dezembro de 1965. A imagem do Cristo foi abençoada pelo fundador do Colégio Dom Bosco, especialmente convidado; o Pe. Antônio Marcigaglia. Na ocasião o pároco, Pe. José Lacerda Sobrinho, enfatizou: “o monumento constitui convite permanente à geração presente e às futuras a verem no Cristo nossa vida e nosso guia, nossa esperança e nosso fim”. A estátua do Cristo, em cimento armado, é obra da firma Ottaviani Papaiz, de Campinas, e mede sete metros de altura. O pedestal, um cilindro em pedra e concreto de dois metros de diâmetro por seis de altura, foi executado pela construtora do araxaense Tomás Goulart. O monumento foi edificado em terreno de pastagens de propriedade do fazendeiro Pedro Valeriano Rodrigues, que, de bom grado, concedeu



Cristo hoje

no empreendimento deu-se 17 anos depois, quando a primeira administração Aracely de Paula desapropriou e urbanizou a área do Cristo e construiu laje de concreto, envolvendo o pedestal numa tenda para abrigar serviços diversos aos frequentadores.

As intervenções valorizaram sobremaneira o espaço. O Monumento, para além de expressão de Fé cristã, tornou-se cartão postal da cidade e ponto de atração turística.

Em sua segunda administração o Prefeito Aracely divulgou projeto ambicioso de ampliar e revitalizar a área do Cristo e de fazer dela espaço seguro de convivência e lazer. Que seu propósito seja efetivado o quanto antes!

Pe. Lacerda Sobrinho

autorização. A campanha pro Monumento Cristo Redentor teve participação da Paróquia com 65% dos recursos e os 35% restantes vieram das senhoras Eva Teixeira Guimarães, Terezinha Tomasovich, Carmen Santos Silva, Iracema Dumont e Ana Rtia Aguiar; do Senhor Carlos José Lemos e das firmas: Colégio Dom Bosco, Cooperativa dos Fazendeiros, Pensão Tormin, Tipografia São Geraldo e Construtora Tomás Goulart. A participação efetiva da Prefeitura de Araxá

Chico Xavier ‘em pânico’ nos céus de Araxá

Dentre as inúmeras narrativas e revelações, uma delas ficou famosa. Chico viajava de avião de Uberaba para Belo Horizonte. Depois de Araxá, o avião entrou em uma região de forte turbulência. Com a intensa vibração da aeronave, os passageiros se apavoraram diante da possibilidade real de acidente. Inclusive Chico, que começou a gritar e a rezar: “Oh! Meu Deus, tende piedade de nós”. As crianças choravam. Os adultos gritavam. Quando a voz do Chico subiu de tom, viu Emmanuel entrar no avião. Aproximou-se dele e perguntou o porquê daquela cena. Chico respondeu: “Estamos em perigo, será que chegou a hora de eu morrer?” Emmanuel, sereno, respondeu: “Não posso saber se o Senhor resolveu determinar a sua desencarnação agora. Mas, se você julga que vai morrer, procure pelo menos morrer com educação, sem aumentar a aflição dos outros.” Com a simplicidade que o caracterizava, em pleno pinga-fogo, Chico comentou, despreziosamente: “Realmente não sei como é morrer com educação”. O Brasil inteiro riu e amou a narrativa de Chico Xavier. Tal passagem real foi destacada com ênfase no famoso filme ‘Chico Xavier’, um filme brasileiro de 2010 dirigido por Daniel Filho, com roteiro de Marcos



Cena do filme



Chico Xavier

Bernstein baseado no livro As Vidas de Chico Xavier, de Marcel Souto Maior (jornalista, escritor e autor que é filho do jornalista Araxaense Ronan Ferreira). Sua estréia foi no dia 2 de abril de 2010. Em 6 de maio de 2010, havia sido visto no cinema por três milhões de pessoas.